

Entrevista com Tônio Caetano: “o autor nunca sabe tudo, a escrita é desejo e descoberta”

Interview with Tônio Caetano: “the author never knows everything; writing is desire and discovery”

Marina Nogara*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Taiane Santi Martins**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

* Graduanda em Escrita Criativa pela PUCRS e estagiária do Instituto de Cultura (PUCRS). E-mail: Marina.Nogara@edu.pucrs.br

** Doutora em Escrita Criativa pela PUCRS, mestra em Literaturas Estrangeiras Modernas pela UFRGS, com graduação em Letras pela UFSC e História pela UDESC. E-mail: taisantimartins@gmail.com

Tônio Caetano nasceu em Porto Alegre, em 1982. Trabalha como servidor público municipal, é especialista em Literatura Brasileira pela PUC-RS e egresso do Curso de Formação de Escritores do Metamorfose Cursos. Tem publicações em diversas antologias, como Ancestralidades – Coletânea de Escritores Negros (Venas Abiertas - 2019) e Minicontos de Amor e Morte (Metamorfose – 2018). Em 2020, venceu o Prêmio Sesc de Literatura com Terra nos cabelos, livro de contos que percorre diferentes aspectos das existências femininas e que será publicado e distribuído pela editora Record.

Poderia descrever como está a sua rotina nesse momento de pandemia? O que mudou?

A minha rotina está caótica. O trabalho se mudou para dentro de casa, e os horários embaralharam um pouco. Tenho a impressão de que acordo, tomo café e trabalho. Depois almoço e trabalho. De noite é sorteio: passear com as cucas, ir ao mercado, ler, redes sociais, cuidar das plantas ou fazer exercícios físicos com vídeos do YouTube. A escrita acontece nos espaços de pensamento entre todas essas atividades e, de forma mais consistente, nos finais de semana.

A maior mudança é ficar o máximo possível em casa, o que tem sido um desafio diário. Sempre fui uma pessoa bastante rueira. Gosto de estar com os amigos, ir a eventos literários, teatro, sair para caminhar, tomar uma cerveja, lua, sol. Não poder fazer isso me deixa mais introspectivo e saudosos do contato humano com as pessoas que me são caras.

A partir disso, de que modo a cultura tem contribuído em sua rotina e de quem está ao seu redor? E, também, qual o papel da arte em um mundo em crise evidenciado pela pandemia?

Penso que cultura é a nossa forma de estar e de se relacionar com o mundo. Ela está em todas as experiências em sociedade. Não acredito que exista vida sem cultura. Mais, a cultura ainda pode ser alimento para a sanidade, resiliência diante dos desafios do nosso tempo.

Dito isso, até por uma questão de tempo, algumas manifestações culturais, como a Literatura, a Música e o Cinema, estão mais presentes no meu dia a dia. E observo que estão também, em maior ou menor medida, presentes na rotina das pessoas com quem me relaciono. Essas manifestações contribuem tanto no sentido de entretenimento, arejar a rotina, quanto no sentido de organizar o pensamento.

Neste período pandêmico, em que estamos mais urgentes em refletir sobre as questões que nos cercam, em mergulhar noutras vidas e também em nos divertir, a arte tem sido uma grande irmã, amiga, mãe, professora. A Literatura, principalmente, sempre me ajudou a pensar o mundo e está no centro das conversas com quase todas as pessoas que me rodeiam. A arte de forma geral é sempre um grande convite, cabe a nós seres humanos aceitá-lo. Parece-me que neste isolamento, de alguma forma, quem não está em negação está mais propenso a dizer sim.

Como a pandemia afetou a sua produção crítica e/ou ficcional?

Mais do que isolamento, o escritor precisa de tranquilidade para escrever. Sem tranquilidade não há concentração. E sem concentração a escrita não vinga. A tranquilidade de que falo não é a de estar com a vida financeira resolvida, que essa, sabemos, sempre foi para poucos. Mas a tranquilidade que conversa com a resposta da Nina Simone sobre o que é liberdade: não ter medo.

No começo da pandemia, não conseguir domar o medo deixou minhas palavras em suspenso. São muitos meses tentando gerenciar a angústia, buscando um equilíbrio mental diante do desgoverno e das notícias cada vez piores.

Há também um sentimento de que não é o momento para escrever sobre a pandemia, sinto que é necessário um distanciamento psicológico para que esse tema entre nas minhas narrativas.

Três meses para cá, tenho conseguido escrever com mais regularidade. O Grupo de Escrita de que participo e o incentivo dos amigos escritores têm sido fundamental. Tento seguir o mesmo processo de antes, busco ideias ainda possíveis de encantamento e personagens que eu possa acompanhar pelo tempo da narrativa.

E já que falamos em produção ficcional, como se deu o processo de escrita de Terra nos Cabelos e quando você soube que o livro estava pronto?

Os contos de Terra nos cabelos foram escritos em 2017 e 2018. Nesse período, eu já participava do Grupo de Escrita da Ana Mello, na Metamorfose Cursos. Muitos dos textos nasceram de propostas de escrita do Grupo. A primeira versão escrita de cada história foi levada para a leitura dos integrantes. Ouvi as críticas e refleti sobre o que poderia ser melhorado. 2019 foi um período de reescrita, de deixar o texto dormir um pouco e depois retornar a ele e ver se ainda mantinha a força de antes. Eu sou do tipo de escritor que está sempre reescrevendo. E estou começando a entender que nenhum texto fica pronto. A ideia de que algo esteja pronto só existe se você abstrai a ação do tempo. Depois de um tempo, quando você volta ao texto, algo sempre pode ser mudado.

Terra nos cabelos já ficou “pronto” duas vezes. Uma em fevereiro, quando o submeti ao prêmio; outra em setembro, após passar pelo processo de edição junto à Editora Record. Mas tenho certeza de que mais pra frente vou ter vontade de mudar alguma coisa.

O livro Terra nos Cabelos conta com protagonistas femininas e trilha diferentes percursos da mulher em nossa sociedade. Como foi o processo de construção de suas personagens?

Após o anúncio do prêmio e também depois de uns questionamentos que recebi quanto ao Lugar de Fala, tenho refletido sobre o processo de construção das personagens. O porquê de serem todas mulheres. Questionamentos que não estavam postos para mim lá quando elas começaram a surgir. O autor nunca sabe tudo, a escrita é desejo e descoberta. Assim, durante o processo de escrita, eu só desejava que as personagens fossem verossímeis e que os leitores pudessem, para o bem ou para o mal, entender o percurso de cada uma.

O processo foi um exercício de compreensão, que me exigiu muita leitura, atenção e reflexão. A personagem feminina se mostrou mais complexa, com mais camadas, um desafio maior. Principalmente porque busquei um conjunto bem diferente entre si. Diferente em idade, perspectiva, estágio de vida, caráter. Há personagens que me identifico e há personagens que não me identifico psicologicamente. Mas sigo feliz com a existência de todas.

Outro ponto importante é o percurso de cada uma, tanto externo quanto interno. Tentei, como autor, não resolver a vida das personagens a partir da minha perspectiva. Gosto muito de pensar nos acontecimentos e o que eles produzem de mudança na personagem. É assim na vida, é assim na ficção também. Então acompanhei de perto a mudança possível de cada uma durante o breve tempo da narrativa.

Ainda falando sobre processos, em entrevista ao Jornal do Comércio você afirmou: “Persegui a ideia de que o livro tinha que ser igual a um bom vinil, com canções em diferentes volumes, batidas, tons.” Sua declaração nos fez pensar nas especificidades de composição de um livro de contos, onde é preciso envolver o leitor a cada nova narrativa. Acreditamos que venha um pouco daí a ideia de comparar o livro a um vinil. A partir disso, você pode nos falar um pouco da sua relação com o conto enquanto gênero? O que um bom livro de contos precisa ter?

Quando comecei a pensar na organização do livro, eu tinha mais de 25 contos escritos que poderiam entrar na seleção. Fiquei meses buscando um fio que ligasse os contos, a unidade. Nessa época, pesquisei sobre organização de livros, mas não encontrei nada muito específico sobre o assunto. Pensei até em fazer um curso de edição de livros, para encontrar respostas para o meu projeto literário.

Surgiu-me um dia a ideia de tentar entender o que me fazia voltar sempre ao mesmo disco da Tracy Chapman, do Belchior, do Bedeu, da Grace Jones ou do Gonzaguinha, por exemplo. Observei que meus vinis preferidos traziam uma diversidade de músicas em volumes, batidas e tons. Há músicas mais rápidas, músicas com batidas mais pesadas, outras com tom mais leve, suave, e há também aquelas letras mais reflexivas e longas. É quase uma montanha russa melódica.

Fora isso, entre outras dicas, ouvi pessoas do ramo literário falando sobre começar o livro com um conto forte, que fisgasse o leitor imediatamente, e deixar o conto mais longo para o final. No último conto de *Terra nos cabelos*, ainda quis um final impactante e aberto, que não encerrasse o percurso das personagens do conto e do livro.

Também em entrevista, agora para o LiteraturaRS, você falou sobre não querer publicar algo e depois se arrepender por não estar pronto. Sabemos que você revisou *Terra nos cabelos* até momentos antes de realizar a inscrição no Prêmio SESC, pensando nisso, você pode falar um pouco sobre a importância do tempo e da reescrita no processo criativo?

O livro *Terra nos cabelos*, a princípio, seria publicado na Feira do Livro de 2019. Essa era a previsão que eu tinha. No entanto, comecei a achar que poderia ser apressado publicar naquele momento. No início de 2019, fui a um evento com as escritoras Ana Maria Gonçalves e Cidinha da Silva. Nesse evento houve a pergunta sobre como elas lidavam com o primeiro livro. Assim, mesmo a ansiedade sendo uma característica minha, decidi adiar a publicação e continuar trabalhando os textos.

Eu não tenho a noção exata do tempo da reescrita. Tenho textos de 2017 que ainda não foram publicados. Não sou o tipo de escritor que escreve e publica em rede social. Não tenho essa confiança toda.

A reescrita é fundamental. Principalmente se você consegue expor o texto a uma leitura atenta e qualificada. Uma leitura feita por pessoas que têm apreço pela Literatura, que são bons leitores, que criticam com franqueza. Depois é remoer a crítica, contrastá-la com teus objetivos com aquele texto e fazer os ajustes que o levem a um novo patamar, considerando também o leitor que você tem em mente para aquela história.

E como tem sido lidar com a repercussão do Prêmio SESC?

A repercussão tem sido constante e crescente. A alegria e a ansiedade também, principalmente agora que se aproxima a data do lançamento. Tenho aprendido muito na prática a evoluir no contato com os leitores, na organização pessoal e em cada pergunta que me fazem sobre o processo do livro. Nada disso estava posto antes do

anúncio do prêmio. E sei que esse aprendizado é parte do todo que o Prêmio Sesc de Literatura 2020 tem me proporcionado.

Depois de Terra nos cabelos o que vem pela frente? Você está trabalhando em algum novo projeto?

Primeiro vem o livro de bolso “Sobre o fundo azul da infância”, Editora Popular Venas Abiertas, Minas Gerais. Um livro que faz parte da coleção “A voz da ancestralidade”. Coleção que traz dez jovens autores negros, cada um com seu título, contemplando escrituras em prosa e poesia. Data de lançamento ainda não definida.

Vem também o lançamento do livro “Coletânea de Minibiografias – quase autorizadas”, Editora Drops da Fal, São Paulo. O livro é iniciativa da escritora e editora Fal Vitiello de Azevedo e da editora Suzi Márcia Castelani. Nesse livro contribuo com texto de apresentação pessoal, falando um pouco sobre o tempo dos blogs e de alguns episódios da relação de amizade online com a Fal Azevedo. Data de lançamento ainda não definida.

Para 2021, há o projeto já em curso de um livro escrito em conjunto por sete amigos, escritores e escritoras egressos do Curso de Formação de Escritores da Metamorfose Cursos. Uma história com intrigas sociais e políticas, suspense e morte, ambientada na cidade de Uruguiana, fronteira do Rio Grande do Sul.

Se você pudesse escolher um livro para 2020, qual seria?

Terra nos cabelos é meu livro de 2020. Foi ele que me colocou na completa montanha russa afetiva que só o fazer literário pode proporcionar. Muitos dos processos do livro serviram como escudo para toda a tristeza decorrente da situação brasileira nesta pandemia.

Outro livro que afetivamente me acompanhou em 2020 foi *Um defeito de cor*, da Ana Maria Gonçalves. Li entre março e maio. O livro mais longo que já enfrentei. Mas que me deu muita força ao pensar sobre dois aspectos suscitados pela obra.

O primeiro é que, para manter a nossa força ativa, temos que estar sempre em movimento. Isso é fundamental. Quanto mais parados estamos, menos experiências temos e menos realizamos no nosso tempo de narrativa.

O segundo aspecto é o conflito que nasce entre realizar o nosso destino e participar do destino das pessoas que nos cercam. Esse é um equilíbrio que, penso, devemos todos perseguir.